

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Apresentação

Não há uma só obra de filosofia que não tenha a pretensão de dizer a *verdade* e de possuir *validade universal*. A certeza de assentar a escrita em valor tão nobre e extensível à totalidade dos homens deve-se à presença de um guia que se sobrepõe a qualquer preferência ou disposição individuais: a razão. Tais pretensões não existem necessariamente na literatura. Ela deixa ver o desdobramento das ações a partir de uma dada vivência, de um determinado propósito escolhido pelo escritor, de modo que a função do texto está aberta à significação.

Um possível diálogo entre as duas disciplinas deve salvaguardar, pois, a individualidade de ambas. Além disto, deve abandonar completamente quaisquer tipos de juízos valorativos.

No que diz respeito à formação do homem, a literatura é uma ferramenta que, de maneira exemplar, permite o acesso ao pensamento do outro. Favorecendo a escuta, promove um verdadeiro “empréstimo” da mente e do corpo à alteridade: pensar e sentir *conforme* o outro. Paralelo ao cultivo da perspectiva, a formação humana não estaria completa sem o cultivo do próprio eu no pensamento do outro. A filosofia aparece então como ferramenta egocêntrica que leva para o texto questões cotidianas e existenciais, cobrando dele uma razão implícita, bem como soluções aos problemas reais, seja da individualidade seja da sociedade humana.

A sociedade atual, marcada pelo consumo e pela manutenção do poder econômico, fomenta a dormência do espírito. Ela expõe o homem a um movimento aparente que mascara a vivacidade da razão. Os objetos de consumo recebem um nome acrescido de um número. Mais do que demarcar a ordem de lançamento, estes números e sua sucessão tranquilizam o espírito, sugerindo a ordem natural das coisas. A beleza é extraída de um desfile de corpos distintos, cadenciados mensalmente pela aparição das capas de revistas e pelo rolar do scroll do mouse. A personalidade do mês de maio é sucedida pela do mês de junho, e o espírito do consumidor acaba anestesiado pelo poder da sucessão *ad infinitum*. A grande maioria dos meios de comunicação promove a

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

sucessão cega de informações e a alternância de conteúdos emocionalmente antagônicos. Falsos antagonismos são indistintamente observados na política e no esporte, na medida em que permeiam manchetes chamativas, amortecendo o embate real que poderia conduzir os homens para fora dessa circularidade absurda.

A necessidade da razão na sociedade atual deixa-se sentir, para além de todos os exemplos citados, na constatação de que falar sobre questões concretas de teor ideológico ou discutir a questão da ideologia parece implicar um ranço de coisa velha, um quê de século passado. “As coisas são assim, sempre foram e vão permanecer assim”: pensamento aparentemente afadigado e anônimo que paralisa o pensamento e apazigua o desejo de mudanças.

O caminho para fora da circularidade entorpecente depende de um distanciamento do diálogo falso (antes, “monólogo”), e que consiste de um estado de minoridade intelectual em que os homens partilham da crença de que há uma maior comunicação mútua, quando há, inversamente, uma maior separação entre os homens. A busca por um diálogo autêntico, que estabelece uma ligação transformadora entre pessoas, está no berço da filosofia. A origem grega do pensamento filosófico acontece em um cenário análogo ao atual. Os sofistas eram profissionais que mercantilizavam a fala sob garantia de obtenção de benefícios individuais. A filosofia nasce, portanto, em um contexto cosmopolita de múltiplos discursos. Ela busca critérios que auxiliem o pensamento a articular-se conforme está articulada a realidade. Por exemplo, ela quer encontrar dentre as inúmeras leis passíveis de serem redigidas pela mão humana qual é a lei que, ultrapassadas as inclinações pessoais do autor, será a mais justa. Por sua vez, a literatura propicia a vivência de uma etapa fundamental da filosofia ao permitir o acesso à fala do outro *através* de si mesmo. A leitura de uma obra literária revive o espírito do termo grego *dialogos*, a palavra raciocinada através. O processo empático que ela viabiliza incita à generosidade da compreensão e à reconstrução dos motivos de pensar e agir do outro, conferindo ao homem a dignidade enquanto valor absoluto.

É belo contemplar o paradoxo que move tantos homens na história a se tornarem filósofos: defender a verdade e a universalidade não se assemelha em nada à exclusão

da alteridade. A voz do outro tem lugar privilegiado na filosofia, sendo a tolerância parte constitutiva de seu método. A dialética, método filosófico por excelência, prevê a reconstrução do pensamento do outro à luz de uma questão específica. O discurso particular dos homens é, assim, repassado, tendo por guia a razão.

O dossiê temático deste número exemplifica os benefícios do diálogo entre as duas disciplinas. Nos textos aqui reunidos, a literatura mostra-se benéfica à filosofia porque é apresentada enquanto abertura e processo vivencial de reconstrução dos pensamentos e emoções do outro, sem o que não é possível haver filosofia. A filosofia, por sua vez, é inserida pelos autores em benefício da literatura, pois permite exemplificar como a criação literária ultrapassa o domínio do ponto de vista: mostrando que o ato de escritura transporta o homem para fora de sua individualidade e visa, de algum modo, à transformação e à resistência quanto às determinações provenientes da sociedade.

Dossiê Temático

O presente Dossiê Temático consiste da contribuição de quatro artigos. No primeiro deles, “Deleuze: literatura, vida e saúde”, Clever Luiz Fernandes mostra como a literatura e a filosofia auxiliam na construção de uma nova imagem de pensamento, tal como visa a filosofia de Gilles Deleuze. Embora sejam “exercícios” distintos de pensamento, elas estão conjuntamente a serviço da libertação da vida de suas amarras sociais e visam à criação de novas possibilidades de expressão e resistência individuais. A resistência presente na escrita assume uma potência terapêutica, libertando o indivíduo de situações de opressão e garantindo a imunização contra ideologias que vão contra este movimento criador intrínseco à vida, como é o caso, por exemplo, do pensamento fascista. Fica claro no presente artigo como o pensamento em Deleuze nasce do confronto do indivíduo com a sociedade, sendo um ato concreto, oposto à concepção clássica da espontaneidade do espírito reflexivo e da inclinação natural do homem à verdade. Tendo em vista a possibilidade da dominação converter-se em

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

ideologia, o autor mostra que o pensar, compreendido nestes termos deleuzeanos, implica certa dose de violência. Assim, dá-se a concepção da literatura como saúde. Herdeira do pensamento de Nietzsche sobre a arte, ela abre o horizonte pré-subjetivo das infinitas possibilidades para a vida, tema caro à filosofia de Deleuze, a ponto de figurar em seu último artigo publicado em vida.

Em “Entre a literatura e a filosofia: o tema da sexualidade no pensamento de Rousseau”, Paulo Ferreira analisa a relação entre literatura e filosofia na obra de Jean-Jacques Rousseau ao recuperar a sexualidade enquanto temática comum a ambas as disciplinas, sendo ela inclusive apontada como responsável por sua articulação. O autor argumenta que a preocupação de Rousseau com os aspectos morais do romance do século XVIII, juntamente com sua crítica aos valores desvirtuados da alta sociedade parisiense, conduzem à escrita da obra *Nova Heloísa* na tentativa de reintegrar a literatura a valores sadios, ou que não promovam a degeneração dos costumes. Somado a isto, o autor insere suas reflexões sobre a sexualidade na obra rousseauiana, apontando a literatura como a porta de entrada que conduziu Rousseau a esta temática, além de destacar que ela compõe o núcleo de sua produção intelectual.

Já em “Um modo de sobreviver ao vazio: o Neorrealismo português em Alves Redol e Vergílio Ferreira”, André Carneiro Ramos discute, a partir de um ponto de vista simultaneamente textual e contextual, o amadurecimento do Neorrealismo português rumo ao Existencialismo e à intersubjetividade, analisando trechos de *Gaibéus*, de Alves Redol, e *Aparição*, de Vergílio Ferreira. De uma crítica inicial à miséria dos trabalhadores sob os desmandos do Estado Novo, Ramos passa ao “estar-aí” heideggeriano do narrador de *Aparição*, Alberto, à “separação temporal” e à “fluidez dialógica, reflexiva”, da instância narrativa.

Encerrando o dossiê temático, “O caminho pós-estruturalista do sujeito em romances de Tomás Eloy Martínez”, de Cristine Fickelscherer de Mattos, discute-se, a partir das obras *La novela de Perón* e *Santa Evita*, a dissolução do conceito de autoria pelo pós-estruturalismo. A autora analisa as figuras do jornalista Zamora, de *La novela de Perón*, e o “narrador-personagem-autor” Tomás Eloy Martínez, de *Santa Evita*,

enquanto “pontos de articulação em diálogos que vem a constituir o próprio texto”, e destaca as “máscaras discursivas” de ambos como crítica plural à percepção histórica de Perón e Evita, relacionando-as, teoricamente, com a intersubjetividade de Lacan e o rizoma deleuzeano.

Seção livre

Por sua vez, a Seção Livre conta com quatro artigos que vão dos estudos linguísticos aos estudos literários. O primeiro, “Ensino de gênero discursivo: observação e análise de aulas de estágio de língua portuguesa” de Jéssica Ibiapino, Tânia Maria Moreira e Paulo da Silva Lima, apresenta uma análise crítica de uma experiência de estágio de uma professora em formação do curso de Letras – Língua Portuguesa. Com base no estudo do conceito de gênero, e sob o viés sociológico de Mikhail Bakhtin, o artigo reflete a construção do conhecimento sobre o ensino da linguagem. Mais precisamente, mobilizando diversos teóricos, reflete sobre a prática docente por meio do ensino de gêneros discursivos e textuais enquanto prática social.

Em seguida, o artigo “As estruturas narrativas das obras *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum”, de Francisca Andréa Ribeiro da Silva e Sylvia Maria Trusen, possui uma estrutura dual. Inicialmente, consagra-se a um longo excuro pela narratologia, discutindo “o ato narrativo” e “as instâncias narrativas” – das quais distingue autor empírico, autor textual, autor implícito e narrador – a partir de nomes como Oscar Tacca, Aguiar e Silva, Gérard Genette e Wayne Booth. A seguir, dedica-se a uma análise dos narradores homodiegéticos Lavo (*Cinzas do Norte*) e Arminto (*Órfãos do Eldorado*), destacando a tangencialidade do primeiro frente à centralidade (autodiegese) do segundo, apontando, ademais, os limites cognitivos da focalização interna (sobretudo, os desvios de informação marcados pela paralipse e paralepse). Paralela à análise dos romances de Hatoum, as autoras fazem um inventário dos conceitos genetteanos de *Figures III*, como, por exemplo, ao exemplificarem os níveis

narrativos por meio da análise das narrativas hipodieéticas de Ranulfo e Mundo (*Cinzas do Norte*).

No artigo “O tempo cristão e o atraso dos povos: os índios nas letras coloniais brasileiras”, Gustavo Pinho Nagel estabelece uma relação entre a concepção linear de tempo judaico-cristã e a característica evolucionista do discurso europeu acerca dos povos nativos da América nos séculos XVI e XVII. Para tanto, vale-se das obras de Michel de Montaigne (*Ensaíos*) e Antonio Vieira (“Sermão do Espírito Santo”, “Sermão da Sexagésima” e “Sermão da Primeira Dominga da Quaresma”), representativas do olhar externalista da Europa sobre o Novo Mundo. Assim, destaca, em Montaigne, uma idealização dos nativos como homens aproximados dos gregos e romanos de outras eras (reavivando momentaneamente o “mito pagão da Idade de Ouro” no elogio às virtudes de grandes nomes do passado) e, em Vieira, o projeto ibérico contrarreformista de expansão da fé cristã e do império português. O autor revisita ainda trechos de Hesíodo (*Trabalhos e dias*), Ovídio (*Metamorfoses*) e Gândavo (*História da Província de Santa Cruz*), passando por diversos comentadores e teóricos.

Finalmente, seguindo a abordagem sociointeracional da linguagem e o estudo dos gêneros na produção textual em sala de aula, “Prática de produção textual em uma aula de língua portuguesa no 5º ano do Ensino Fundamental: uma dimensão investigativa”, de Valfrido da Silva Nunes e Aracelle Cristina Barros de Araújo Nunes, investiga as dificuldades do estudante de 5º ano do Ensino Fundamental na escrita de uma carta pessoal. Com base na coleta e análise de texto do aluno, encaminha-se a discussão para a função social dos aspectos estruturais e linguísticos do gênero.

Resenha

O presente número da Revista contempla ainda uma resenha de Ruan Fellipe Munhoz e José Veranildo Lopes da Costa Junior acerca do livro *Poéticas da masculinidade em ruínas*, coletânea de treze textos organizada por Anselmo Peres Alós e editada este ano pela Universidade Federal de Santa Maria.

The banner features the word 'AFLUENTE' in a large, bold, black serif font at the top. Below it, the subtitle 'Revista Eletrônica de Letras e Linguística' is written in a smaller, black, cursive script. The background consists of horizontal wavy lines in shades of light blue and teal.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Assim, percebe-se a pluralidade dos enfoques e contribuições dos autores como anteparo de uma experiência agradável e única de leitura. Sem mais, convida-se o leitor a navegar pelas sendas desse novo veio da *Afluente*.

Franco Baptista Sandanello

Professor Adjunto – Universidade Federal do Maranhão

Vanessa de Oliveira Temporal

Doutoranda – Universidade Federal de São Carlos /
Université Jean Moulin Lyon III

Organizadores